

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: HISTÓRIA DE VIDA NO FRANCHISING SOB A ÓTICA DO AMBIENTE RELACIONAL**

**GIVALDO GUILHERME DOS SANTOS**  
UNIVERSIDADE PAULISTA (UNIP)

**CIDA SANCHES**  
UNIFACCAMP - CENTRO UNIVERSITARIO CAMPO LIMPO PAULISTA

**MANUEL MEIRELES**  
FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA (FACCAMP)

**SAMUEL FERREIRA JR.**  
FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA (FACCAMP)

**ROBERTO BEZERRA NOBREGA**  
UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS)

# **EMPREENDEDORISMO FEMININO: HISTÓRIA DE VIDA NO FRANCHISING SOB A ÓTICA DO AMBIENTE RELACIONAL**

## **1. INTRODUÇÃO**

Esse artigo se propôs a analisar a hipótese da influência do ambiente relacional na história de vida de uma empreendedora no segmento de franchising sob o recorte teórico de três correntes sociológicas (fato social, ação social e campo social). A coleta de dados foi realizada por meio de depoimentos colhidos entre 2018 e 2019. Os aspectos cognitivos da narrativa do sujeito da pesquisa foram analisados diante do arcabouço teórico demonstrando uma correlação com o seu percurso de vida. Essa correlação apresentou evidências, sustentadas principalmente na Teoria de Campos de Pierre Bourdieu, da importância do agente e seus papéis e a conexão com seu contexto econômico, social, simbólico, cultural e os seus resultados. Além dos aspectos internos do sujeito relacionados às suas competências, aspectos externos também impactam, tais como influências de características sociais, econômicas e ambientais. A história de vida é uma técnica metodológica usual na psicologia e enfermagem mas ainda pouco explorada na administração, entretanto o método foi escolhido diante da natureza da pesquisa que exigia a apuração dos aspectos subjetivos no processo de investigação com vistas a obter os resultados esperados perante os pressupostos do tema.

O tema empreendedorismo na atualidade assumiu uma dimensão considerável diante do grande crescimento de empreendedores em todo o mundo a partir da década de 1980. No Brasil, esse fenômeno iniciou sua escalada a partir da década de 1990, o que promoveu um avanço e interesse pela academia e o ambiente empresarial. Dentro dessa esfera aparece o conceito de empreendedorismo feminino que revela um cenário pontual conviviado pela mulher diante dos vários papéis e desafios vividos na sociedade. Comprometimento e atitude pela busca de oportunidades podem ser classificados como competências preponderantes no universo feminino. Contudo o momento social ainda revela outras demandas para o empreendedor diante do processo de inovação como pilar da competitividade, tais como desenvolver capacidade para atuar em redes, harmonizar aspectos sociais e técnicos etc. Esses aspectos praticamente impõem ao empreendedor desenvolver habilidades para projetar, planejar e tomar decisões com base na racionalidade e intuição de seus líderes (LUBINA et al, 2020, GONZÁLES; GONZÁLES; QUEZADA, 2020, DORNELLAS, 2008, JONATHAN; SILVA, 2007, HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2005, FILION, 1999).

O cenário atual propõe um clima relacional que revela relações frágeis e fugazes exigindo uma flexibilidade maior por parte da empreendedora na tomada de decisão. Não é uma questão de relação apenas casual ou racional, trata-se de uma nova proposta no campo do empreendedorismo que revela a importância do ambiente relacional sob a ótica ancorada na Teoria de Campos de Pierre Bourdieu. O estudo, apesar de suas limitações, pois considerou uma história de vida, demonstrou de forma clara suas evidências do construto empírico e sua correlação com o recorte sociológico. Permitiu também perceber que existem características predominantes sobre fatores que impactam no ambiente relacional. Deve gerar e ampliar novas investigações, contribuir e suscitar novas análises diante da importância do tema tanto no seio da construção social no empreendedorismo feminino como em outras áreas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesse capítulo foram concebidas duas vertentes teóricas que balizaram a análise da história de vida investigada na pesquisa sobre aspectos comportamentais e sociais. Dentro do eixo comportamental a análise do sujeito da pesquisa diante do papel de empreendedora feminina e o social sobre os aspectos sociológicos que podem ser delimitados como influenciadores em sua jornada empresarial.

## 2.1 Empreendedorismo feminino

Muitas são as definições sobre empreendedorismo na atualidade dentro da narrativa científica. O termo muito utilizado também no âmbito empresarial está relacionado muitas vezes a criação de um negócio, empresa ou produtos novos propondo novas soluções no mercado com algo inovador. Desde Schumpeter (1961) o conceito de inovação surge como um fenômeno na produção de novo conhecimento tecnológico diante da integração de diversos meios de produção que influenciam economicamente. O tema empreendedorismo passa também o conceito de que é o indivíduo com características, habilidades e personalidade pontuais, que assume riscos ao propor algo novo, com capacidade de alto grau de consciência do ambiente, capacidade de criação etc. Entretanto há um grande desafio dos pesquisadores em desenvolver modelos e teorias construídas em base sólidas a partir do social em decorrência da própria falta de consenso sobre uma única definição conceitual sobre o tema. Grande parte das pesquisas realizadas sobre empreendedorismo está relacionada a perspectiva nas características individuais do sujeito. Já na sociologia por exemplo o empreendedorismo se concentra em pesquisas em subsetores da disciplina. (GONZÁLES; GONZÁLES; QUEZADA, 2020; HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2005, THORNTON, 1999, BYGRAVE; HOFFER, 1992, GARTNER 1990, SCHUMPETER, 1961).

O crescimento do número de novas empresas, principalmente de pequeno porte; a preocupação na sobrevivência desses negócios com a atenção principalmente de órgãos de classe e o governo; a globalização e o aumento do índice de desemprego que norteou muitos trabalhadores a tentar empreender; o avanço da tecnologia que possibilitou o surgimento de muitos negócios na internet são alguns fatores que tornaram o termo popular. Essa conjunção elevou também o grau de interesse pelo tema tanto na área acadêmica como empresarial com a criação de programas específicos, principalmente direcionados a capacitação. Com a evolução da tecnologia da informação os fatores de sucesso e fracasso do empreendedor não estão somente polarizados nas dimensões tradicionalmente conhecidas dentro do ambiente interno do negócio: o sucesso do empreendedor depende da capacidade em desenvolver, associar e harmonizar aspectos sociais e técnicos de forma autônoma em um ambiente onde a base tecnológica se faz presente de forma plena no negócio (GONZÁLES; GONZÁLES; QUEZADA, 2020; DORNELLAS, 2008, FILION, 1999).

Dentro desse contexto aparece o conceito de empreendedorismo feminino que revela o cenário e desafio de mulheres diante de vários papéis sociais e suas estratégias dentro do tema, expõe situações conflitantes entre as demandas familiares, pessoais e profissionais. A evidência do empreendedorismo feminino dá-se por conta de alguns processos tais como a feminização do mercado de trabalho, o que promove um aumento gradativo de empreendimentos organizados por mulheres. Elas ao longo do tempo foram assumindo novos papéis, assumindo novas tarefas fora do ambiente familiar e doméstico com as mudanças no comportamento social. Aliam-se a esses fatores a necessidade de sustentação e sobrevivência, crescimento pessoal e profissional, orientação empreendedora e performance organizacional. Este panorama vivido pelas mulheres alinha-se também com a dinâmica que o empreendedor é um sujeito social, produto do meio em que vive diante de um contexto temporal e geográfico e que diante desse papel emana também como ator social competências avançadas diante de estratégias competitivas de curto, médio e longo prazo. (DE ALMEIDA GUERRA et al, 2020, AMORIM; BATISTA, 2012, NASSIF; ANDREASSI; SIMÕES, 2011, JONATHAN; SILVA, 2007, DOLABELA, 2006).

Ao longo da odisséia humana pode-se afirmar que os papéis sociais entre homens e mulheres foram sempre bem distintos. A princípio o papel masculino representava o líder, o provedor, o chefe da família e a mulher o papel subalterno dos afazeres domésticos e de célula de reprodução biológica. De Beauvoir (2014). afirma que é o conjunto da civilização que elabora o “produto” chamado mulher diante de um contexto de fêmea humana perante a sociedade. Entretanto esse quadro vem mudando sistematicamente com os avanços sociais. No que tange a dimensão teórica

do empreendedorismo feminino também vem traçando um perfil psicológico e de comportamento em pesquisas e trabalhos realizados principalmente nas últimas décadas. Na atualidade muitas mulheres empreendedoras já tratam essa questão de gênero de forma neutra e até oculta o que não inibe o crescimento sobre esta abordagem diante dos distintos problemas sociais vividos essencialmente pela mulher no mundo. A indústria 4.0 com um novo cenário motivado pela tecnologia da informação praticamente exterminou com o contexto do fenômeno da industrialização 3.0 com a criação de milhões de empregos. Esse ambiente também provoca um novo papel do agente empreendedor que seja capaz de criar pontes e gerar conexões em um ambiente híbrido de relacionamentos físico e tecnológico. Isso torna a discussão sobre o empreendedorismo e seu ambiente em uma análise mais ampla do que puramente econômica (ALVES; DA LUZ; DA SILVA, 2019, DEL VAL ROMÁN, 2016, SOUZA, 2011).

Em pesquisa realizada perante uma perspectiva institucional comparativa entre os países da Lituânia e Ucrânia apesar de características comuns vividas entre as mulheres empreendedoras existem diferenças importantes nas experiências nesses dois países diante dos atributos e traços históricos específicos tais como: a migração, fatores culturais, desenvolvimento dos países emergentes, efeitos desse fenômeno social em países mais pobres, entre outros (CRUZ, 2019, MINNITI; NAUDÉ, 2010, AIDIS et al, 2007, LEWIS, 2006, MACHADO et al, (2013). Inseridos nessa dinâmica Fabrício e Machado (2012) apresentam elementos característicos que impactam dentro desse universo feminino tais como: falta de apoio dos familiares, dificuldades por terem filhos, falta de experiência no ramo, falta de experiência profissional, entre outros. Acrescentam os autores que ainda que, a motivação feminina em abrir um negócio pode ser classificada em uma dicotomia. Uma é circunstancial, ou seja, mulheres abrem um negócio por necessidade, praticamente sem planejamento prévio, e outras com motivação de cunho pessoal, ou seja, vislumbram uma realização pessoal, ascensão na carreira diante de vários aspectos no ambiente social.

Dentro dessa dicotomia surge uma temática teórica muito difundida nos últimos anos em pesquisas que se propõem a classificar as competências empreendedoras seja no ambiente físico ou virtual com empresas com forte apelo tecnológico, diante das inúmeras razões e dificuldades que as mulheres enfrentam ao empreender. Estudos apontam uma taxonomia dessas competências, inseridas em um cenário de conhecimentos, habilidades e atitudes. Podem ser traduzidas no âmbito empresarial como a capacidade de entregar e agregar valor para a organização, para ela própria ou para o meio onde vive. Esse processo se tornou ainda mais complexo perante o ambiente tecnológico que exige uma dinâmica muito maior no fluxo de informações, atuação em redes e tomada de decisão aliado ao ambiente externo e suas variáveis ambientais cada vez mais desafiadoras. No caso do Brasil particularmente esse ambiente de incertezas é uma constante diante das variáveis sociais, culturais, econômicas e políticas. Tais fatores exigem desse empreendedor uma capacidade não somente de inovação mas de fomentar parcerias e estreitar relacionamentos no âmbito do negócio em um cenário doméstico regional de tantas diferenças culturais e econômicas. Nesse sentido pode-se citar algo identificado em pesquisas recentes como fator positivo e peculiar ao empreendedorismo feminino com a utilização das redes sociais como fator decisivo de conexão e capacidade de criar redes diversificadas com o mercado e atração de bons resultados (NASSIF, ARMANDO, LA FALCE, 2020, LUBINA et al, 2020, TEIXEIRA, ANDREASSI, BONFIM, 2018, MACHADO, GAZOLA, ANEZ, 2013, MACHADO, 2003, DUTRA, 2002).

### **2.3 Recorte sociológico – fato social, ação social e campo social**

Esta dinâmica do ambiente relacional enfrentada pelas mulheres empreendedoras tem correlação com a análise teórica com sob preceitos sociológicos. Campos e Duarte (2013), Cassar (2006) e Rotefoss & Kolvereid (2005) defendem que a dimensão social ou coletiva da atividade empreendedora também tem importância fundamental para compreender sua prática. Além dos

aspectos internos do sujeito relacionados as suas competências aspectos externos também impactam, tais como influências de características sociais, econômicas e ambientais. Para entender esta dinâmica no empreendedorismo feminino vivenciada sobre características sócio ambientais, nesta seção será apresentado um recorte sociológico diante de uma conexão cronológica de três grandes correntes que apresentam a concepção teórica de “Fato Social”; “Ação Social” e “Campo Social”.

### **2.3.1 Fato Social – Émile Durkheim – 1858 – 1917**

Precursor da sociologia enquanto ciência e fundador da escola francesa de sociologia a abordagem de Durkheim apresenta a proposta teórica em um princípio geral classificado em duas dimensões fundamentais. Acreditava que por um lado que a sociedade humana devia ser analisada sob a ótica biológica, possuindo uma lógica organizacional semelhante as sociedades de outras espécies. Por outro lado, afirmava que explicar o organismo social humano era preciso desvendar suas conexões essenciais formadas pelas relações de causalidade e funcionalidade que são intrínsecas. Dentro dessa visão o indivíduo é produto da sociedade. A partir dessa concepção nasce em uma de suas principais obras, as “Regras do Método Sociológico” a abordagem de “Fato Social” que nomeia como objeto de estudo os fatos sociais. Esses fatos sociais estão relacionados ao modo de pensar, sentir e de agir de um grupo social. O fato social na ótica do autor poderia ser tratado como coisa, ou seja, um fenômeno de características objetivas, capaz de ser estudado, analisado e explicado do ponto de vista racional. Isso coloca o pesquisador social em um estado de espírito semelhante ao de um físico ou químico em um laboratório. O fato social pode ser considerado como os agentes reais ou um conjunto de maneiras que estão no centro de uma sociedade. A construção do sujeito social, feita em boa parte pela educação e a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios de ordem moral, religiosa, ética ou de comportamento que forjam a conduta do indivíduo perante um grupo social. Essas forças institucionais praticamente também levariam a um comportamento coercitivo na conduta social do indivíduo, daí também o método de Durkheim ser conhecida como a ciência das instituições (DURKHEIM, 2019, SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998).

A abordagem de Durkheim pode ser dividida em três características; a) Coercitividade – que consiste na força que o fato social exerce sobre a sociedade; b) Exterioridade – independem de adesão, pois os fatos sociais ocorrem indiferente à vontade individual; c) Generalidade – atinge um grupo de pessoas em uma determinada comunidade e não apenas indivíduos. Dentro desse contexto pode-se citar como exemplo a institucionalização das regras jurídicas, conceitos morais, religiosos etc. O indivíduo nos primeiros anos de vida dentro desse processo será moldado diante de uma socialização primária também conhecida como informal com a intervenção direta do núcleo familiar, aliada ao aprendizado dos hábitos, regras morais, linguagem e costumes desse núcleo social. Depois a socialização secundária “formal” com o advento da escola e a convivência com novos grupos sociais com a intervenção maior das forças institucionais (VILA NOVA, 2010, BERGER; LUCKMANN, 2007, VIEIRA, 1997, DURKHEIM, 1955).

### **2.3.2 Ação Social – Max Weber – 1864 - 1920**

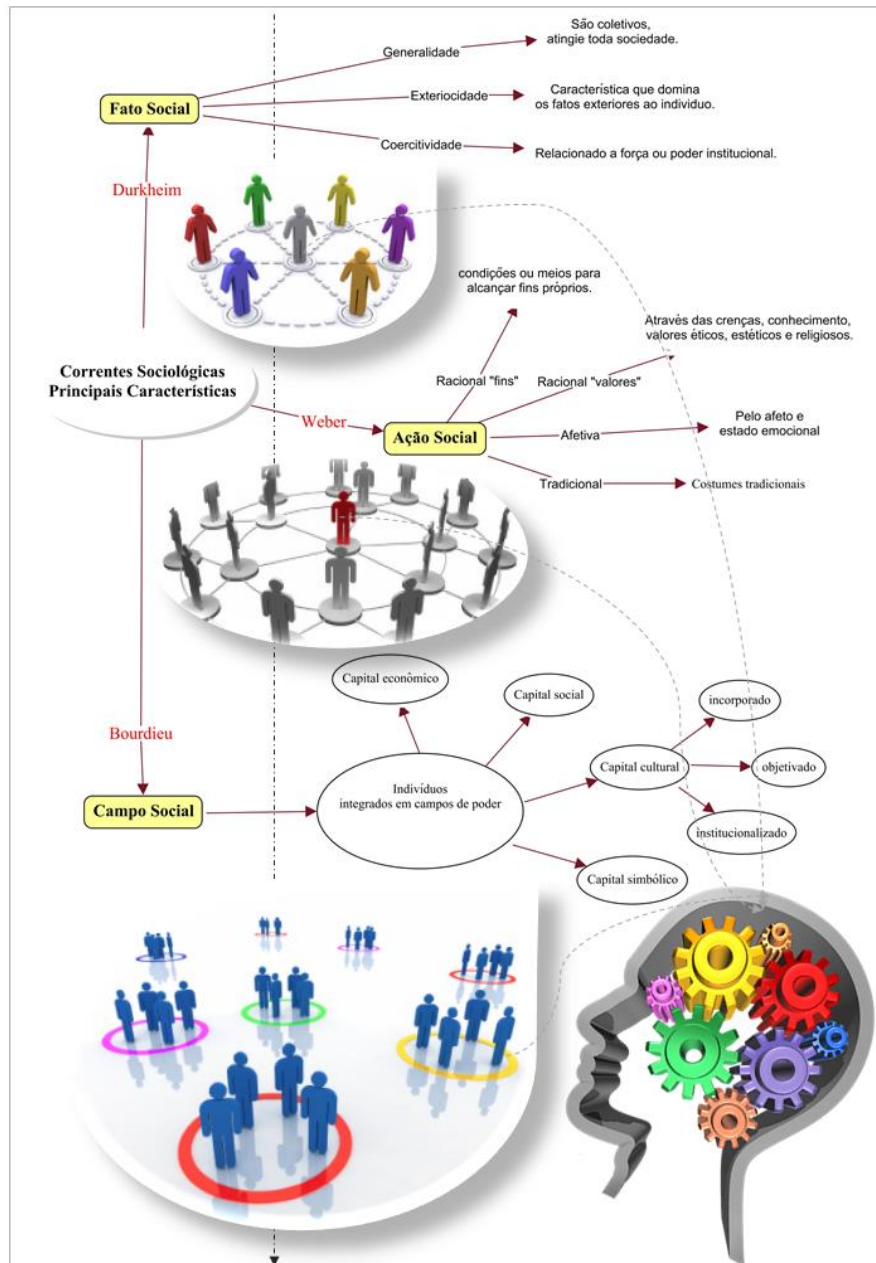
Reconhecido como um dos precursores da sociologia econômica Weber evolui com a abordagem de Durkheim para uma nova dinâmica teórica e propõe então o advento de “Ação Social”. Dentro dessa nova abordagem com o surgimento de uma sociedade de classes, do proletariado e os patrões o mundo artesanal dá lugar para uma sociedade fabril. Os agentes sociais já não são mais os autores de seus produtos e fazem parte de um processo na linha de montagem em escala de novas manufaturas. São agora considerados insumos em uma linha de produção. O escambo dá lugar a troca monetária (dinheiro/produto). Ou seja, o indivíduo agora promove ações que diretamente interferem no seu meio social. Nesse contexto a abordagem de Weber encara o

fenômeno sociológico sob a ótica do indivíduo e suas ações como um agente social que influencia diretamente nessa engrenagem social. Ou seja, a Ação Social de Weber parte do princípio de que o indivíduo age ativamente na mudança em seu meio. Defende uma sociologia capaz de compreender os sentidos e conexões nas ações sociais individuais sob condições determinadas alinhadas em explicar as instituições sociais diante dessa conexão humana. Nesse contexto teórico Weber apresenta que as pessoas existam como autoras inequívocas de seus destinos como centro e causa de suas atividades (GUTIERRES, 2020, KALBERG, 2010, OLIVEIRA, 2008, WEBER, 1991, COHN, 1989). Moraes, Maestro Filho e Dias (2003) discorrem que de acordo com o conceito weberiano a sociologia deve ser compreensiva, em face de seu objeto de estudo ser a “ação humana”. Sendo assim, possui características peculiares exigindo de o cientista social analisar as conexões causais.

### **2.3.3 Campo Social - Pierre Bourdieu – 1930 – 2002**

Pierre Bourdieu tornou-se referência diante de sua vasta obra no campo da educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística, comunicação e política. Bourdieu entendia que os pensadores clássicos na área, tais como Durkheim, Weber e Max tinham muito importância no contexto sociológico para o entendimento clássico. Considerado um dos principais sociólogos contemporâneos, Bourdieu no seio de suas inúmeras pesquisas apresentou o conceito conhecida como Teoria de Campos. Trata-se de uma análise promovida pelo autor que a princípio sob a ótica sociológica é formada por diversos agentes que se conectam mediante diferentes hierarquias de poder. No seio de sua pesquisa investiga a variedade das práticas culturais. Ele entende que tanto o meio social molda o indivíduo quanto o indivíduo é um ator que também faz a sociedade. O discurso de Bourdieu também enfatiza a questão de que a educação reproduz as desigualdades. Cria também o conceito de que existem outros capitais além do capital puramente econômico preconizado Karl Max, tais como, capital cultural, social e simbólico. Esses capitais podem atuar de forma independente ou integrados em um cenário social de situações e mercados simbólicos dentro de um campo de poder. Esse campo de poder não pode ser confundido com o campo político. Pode-se considerar na visão do autor como um espaço de relações de forças entre os diferentes tipos de capital (ROBBINS, 2020, JUNIOR, 2007, BOURDIEU, 1996, BOURDIEU, 1974). No recorte teórico apresentado sobre as três correntes de Durkheim, Weber e Bourdieu analogamente pode-se observar a correlação temporal e cultural vivenciada na evolução social por cada autor, inseridos em seus respectivos contextos sociais. A Figura 1 ilustra os principais aspectos e características de cada abordagem.

Figura 1 – Correntes sociológicas – Principais características



Fonte: Autores (2020)

Dentro dessa evolução cronológica apresentada pelas três correntes sociológicas ilustrada na Figura 1 a Teoria de Campos de Pierre Bourdieu tem fundamento no pensamento de que a sociedade não é uma pura soma de indivíduos. Há uma relação recíproca em um campo de forças, com agentes sociais dispostos em diferentes disposições. São ambientes relativamente autônomos tal qual um microcosmo social (COSTA; MARTINS, 2018, MANZO, 2010; BOURDIEU, 2004). "[...] a força de um agente depende dos seus diferentes trunfos, fatores diferenciais de sucesso que podem garantir-lhe uma vantagem em relação aos rivais [...]" (BOURDIEU, 2008, p. 53). Na Teoria de Campos apresentada por Bourdieu ressalta-se no âmbito dessa pesquisa o capital simbólico, considerado um dos conceitos mais complexos do autor que está relacionado ao poder e dominação que um campo exerce sobre o sujeito. A noção de “capital simbólico” surge junto com as noções de

capital cultural, capital social e poder simbólico, em suas obras de 1972, 1980 e 1994 também forjadas sob o conceito de ação social de Weber. Refere-se que o capital simbólico e a influência de *habitus* como uma capacidade cognitiva constituída. *Habitus* consiste em um sistema aberto de disposições, ações e percepções que o indivíduo absorve com suas experiências sociais que podem ser traduzidos em estilo de vida, julgamentos, estéticos, morais que permite também desenvolver estratégias individuais ou coletivas. Nesse contexto surge a reinvenção do sujeito social diante das mudanças econômicas, culturais e sociais na qual as respostas organizacionais preconizam a preocupação central perante demandas competitivas e globalizadas (BOURDIEU; CHARTIER, 2020, DE SOUZA, 2014).

A abordagem de Bourdieu discorre também sobre o conceito de violência simbólica que consiste na adesão dos dominados em um determinado campo em aceitar intrinsicamente uma dominação como se fosse “natural”. Ela não é uma violência física mas existe de forma intangível. Consiste em uma importante teoria de pensar as relações sociais diante de aspectos simbólicos de *habitus*, poder, campo e as conexões pelos papéis exercidos pelo sujeito. Nesse contexto as instituições (igreja, ciência, intelectuais etc.), apresentam através do tempo discursos distintos de gênero e modelam numa narrativa de padrão no papel social masculino e feminino até de ordem biológica por exemplo. Essa relação de violência simbólica não é apenas típica nas instituições ou relações formais mas também pelos estereótipos criados pelos grupos sociais relacionados no âmbito dessa pesquisa nas relações de poder e dominação entre homem e mulher. Essa dinâmica não atinge somente a mulher mas também a subjetividade de qualquer sujeito inserido nesse cenário, dando como exemplo a postura do empregador e o assédio moral de um homossexual no ambiente de trabalho, que muitas vezes tem as suas particularidades subjetivas ignoradas. Esse processo de dominação simbólica também pode ocorrer muitas vezes de forma sutil e eficiente (SHCANE, FURTADO, 2020, BITTAR, NAKANO, 2017, BOURDIEU, 2013, FERNÁNDEZ, 2013, CARRIERI; CAMILLO; AGUIAR; DINIZ, 2013, FREITAS, 2009, SERRANI, 2008, FERNÁNDEZ, 2005, CALDERONE, 2004, BOURDIEU; PASSERON, 2001, SOIHET, 1997).

### **3. PERCURSO METODOLÓGICO – HISTÓRIA DE VIDA**

O método adotado de História de Vida justifica-se no âmbito da pesquisa diante de suas características singulares. A História de Vida está inserida como um método qualitativo que permite articular entre a história individual e a história social com o compromisso maior do pesquisador em apresentar a realidade a ser compreendida. Tem como característica também o vínculo entre o pesquisador e o sujeito. Dentro dessa perspectiva o método consiste inicialmente na motivação do sujeito entrevistado em contar a sua trajetória de vida (SILVA, 2007). Os depoimentos deram origem a um recorte empírico capaz de promover a aderência na correlação dos resultados com a teoria proposta.

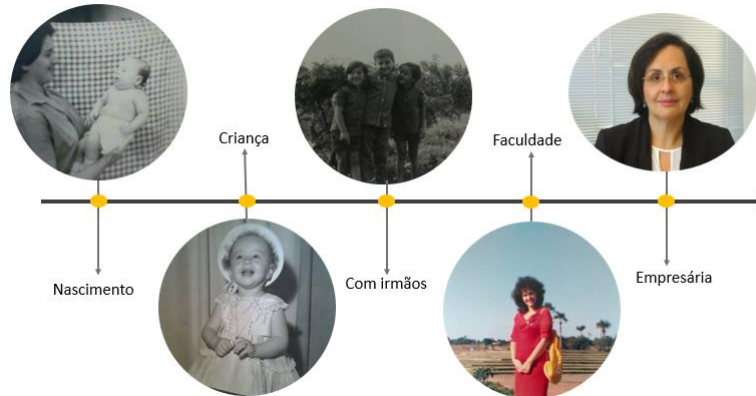
#### **3.1 Descrição e narrativas**

O sujeito da pesquisa não se omitiu em ser identificado o que corrobora para maior legitimidade no construto disponibilizando inclusive documentos e imagens de sua trajetória. Trata-se da Sra. Isa Silveira, casada, psicóloga, empresária no ramo de franquias. É diretora da Avance Franchising, uma empresa com quase vinte anos de mercado com a atuação na consultoria empresarial e formatação de franquias em várias regiões do Brasil com sede em Campinas/SP. A descrição de narrativas segue um roteiro de entrevistas abertas coletadas e gravadas em arquivo MP3 durante o segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019 com intervalos semanais e média de duas horas de depoimentos. O contexto de narrativas deu-se de forma livre a partir de 08.10.2018. Nessa pesquisa após análise foram realizados recortes nomeados como ER (entrevista recorte) para efeito de ordenamento dos principais depoimentos dentro de um cronograma



envolvendo desde a infância até o momento. A Figura 2 ilustra o roteiro cronológico de entrevistas narradas pela Sra. Isa Silveira.

Figura 2 - Trajetória de vida



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

### 3.2 Entrevistas – recortes (ER)

#### [ER-1] Minha origem, família, infância, trabalho e estudos

[...] Estou feliz, motivada e confesso que emocionada pois ontem à noite antes de dormir tentei fazer uma reflexão sobre o que iria falar hoje aqui e venho em mente minha trajetória de vida. Espero contribuir com seu estudo e que ele faça sentido para algumas pessoas. Eu nasci em uma cidade muito pequena no interior da Bahia, com aproximadamente 5.000 habitantes. Sou neta de fazendeiro, meu avô materno nasceu em Nova Canaã, cidade onde eu nasci na Bahia. Meu avô paterno era de outro estado. Meu pai nasceu em Sergipe e minha mãe é baiana. Ele com 40 anos e minha mãe com 21 anos após se casarem, meu pai foi morar em Nova Canaã e minha mãe ficou grávida por três anos consecutivos. Eu fui a primeira e minha mãe conta que passamos 24 horas em trabalho de parto pois teve complicações. Com certeza nossa primeira grande luta para nascer. Meu avô fazendeiro tinha boas posses, mas tinha quinze filhos. Minha mãe começou a vida de forma muito simples, meu pai era caminhoneiro. Passou por diversas tentativas de ser um empreendedor que não deram muito certo. Meu avô paterno também fazendeiro tinha uma família muito grande com 23 filhos de dois casamentos e depois de um certo tempo faliu. [...] Já por volta dos oito anos comecei uma rotina intensa de trabalho e estudo com minha mãe. Eu era uma criança sociável, mas o cenário não me dava a oportunidade de se relacionar. Com exceção do meu pai que trabalha na prefeitura, a família inteira ajudava minha mãe nos negócios. Eu cumpria uma jornada intensa de acordar cedo, trabalhar duro durante o dia e a noite cuidava dos meus estudos. Mesmo durante o dia, as vezes quando dava, entre o intervalo entre um ônibus e outro e pegava minhas tarefas e livros e estudava. A região começava a prosperar e minha mãe agora com duas lanchonetes acordava de madrugada, desde as 4:00 h para atender os ônibus de viagem que paravam para o intervalo dos passageiros. A Cidade não tinha rodoviária.[...] Chegávamos a atender vinte ônibus por dia, uma jornada muito dura, mas muito gratificante diante dos resultados. Antes de contratar funcionários no início era eu quem fazia os salgados, ajudava na cozinha, atendimento etc. Hoje eu sei o quanto foi importante esse momento ao lado de minha família e entender as minhas primeiras experiências.

#### [ER-2] A criança sempre muito responsável

[...] Eu como a filha mais velha diante de cinco irmãos agora, sendo um adotado, sentia a força e a liderança de minha mãe a frente dos negócios. Meu pai mesmo na prefeitura, ajudava nos horários de almoço, mas era minha mãe quem comandava. Aquela atmosfera me movia de muita força para ajudá-la. Eu lembrava, mesmo pequena de tudo que tínhamos passado, das necessidades; as ausências de meu pai. Isso me amadureceu muito cedo. Sempre preocupada com todos. A casa ficava no fundo da lanchonete, então o trabalho era contínuo, ora afazeres domésticos ora cuidando do negócio.[...] Ora era o bolo que caía no chão por faltar forças para colocar no forno! Enfim contribuía de melhor forma no trabalho; cuidava atentamente dos irmãos menores e não largava os meus estudos. Não se permitia a ter vida social. Via constantemente nos finais de semana os

*colegas passando a caminho das festas, mas não tinha coragem de abandonar minha mãe com tantos afazeres. O negócio tinha que funcionar de domingo a domingo. A televisão aparece como algo que mostra o mundo e em alguns momentos vinha a reflexão sobre essa vida dura que a gente levava. Mas logo vinha a realidade, o ônibus chegava e lá estavam cerca de 40 pessoas que tinham que ser atendidas no tempo de vinte minutos de parada de intervalo em um período que se estendia desde a madrugada até quase meia noite em revezamento contínuo entre nós. Todos tinham o seu papel e ninguém podia se furtar de suas obrigações.*

### **[ER-3] A Adolescência**

*[...] Quantas vezes eu me vi na frente da lanchonete, final de tarde, sonhando estudando na capital, entrando em uma boa faculdade. Eu e muitos jovens da cidade tinham esse sonho, pois o local era muito pequeno. A essa altura a família já havia construído a casa própria, não sobrava recursos, no entanto o sonho foi realizado e lá fui para Salvador. Mais uma grande iniciativa da minha mãe, mas sempre com os pés no chão. Imagina que minha mãe dirigia até caminhão, quando o normal da época era as mulheres não dirigirem nem carro, isso na década de 1960. Minha mãe sempre muito forte e lá foi ela para Salvador após ela comprar um apartamento. Deu entrada, pegou as chaves e lá fui eu! Como toda partida a minha foi muito dolorosa. Senti muito logo na viagem que um novo ciclo, agora sem minha família do meu lado estava começando. A distância entre as cidades é em torno de 500 Km. Chorei muito! Mas vinha a minha a mente o desejo de meus pais, principalmente minha mãe em dar um destino diferente para nossas vidas.*

### **[ER-4] Enfim no colégio particular na capital**

*[...] logo nos primeiros dias de aula, o professor inquirindo a sala quem tinha lido tal livro, eu levantava a mão orgulhosa. Àquela altura eu já tinha lido cerca de 200 livros, o que era algo fora da curva para os padrões da época. Ali eu vi uma maratona que eu amava, participava ativamente de atividades ligadas ao conhecimento. Mas alguns fantasmas também surgem, pois comecei a engordar muito, isso me deixava muito insegura socialmente. Eu era aquela menina, bonita, mas gorda! essa insegurança eu tentava potencializar nos estudos, queria ter boas notas e buscar o reconhecimento das pessoas pelo meu valor, mas sempre cercada de poucos amigos. As cobranças desde criança faziam com que minha disciplina mesmo morando sozinha, resiliência, comprometida com meus propósitos fizessem o meu foco de vida mesmo tão jovem. A Saudade batia forte, eu sentia muito a falta de minha família, de meus irmãos, chorava! Tinha o caçula, oito anos mais novo que me chamava até de mãe e até hoje essa relação tem essa dimensão materna diante das adversidades que vivemos juntos. Meus primeiros sentimentos da carreira que iria que seguir começavam a surgir na mente. Lembro que antes de sair de casa meu pai deu um livro “o Corpo Fala”. A leitura daquele livro já me encorajava para assuntos relacionados a Filosofia, Psicologia. Nesse aspecto meu pai trouxe uma grande influência pois era comum trazer livros da biblioteca da prefeitura e cobrava a minha leitura. Quando fui para Salvador já tinha em mente algumas ideias. Eu não queria empreender! Eu tinha uma forte resistência a isso, o quanto temos que nos doar. O fato de não ter tempo para conviver. Eu não queria isso para mim! Eu queria ter uma vida normal. Eu queria ter uma carreira, ser uma profissional, empregada em uma boa empresa. Daí a construção desse caminho em minha mente: ir para Salvador, estudar, se formar e atuar em uma grande empresa. Cada um ao seu modo tínhamos em mente que queríamos crescer.*

### **[ER-5] A socialização na cidade grande**

*[...] Sair de uma cidade com pouco mais de cinco mil habitantes para uma capital com mais de um milhão de pessoas foi um choque cultural. Tudo era muito diferente: o transporte; pegar ônibus para se locomover; o comportamento das pessoas; a solidão e falta da família. Tudo isso batia muito forte. Mas vinha a minha mente tudo que meus pais fizeram para que eu pudesse estar ali. Nos primeiros meses eu não conseguia relaxar. Morava praticamente de frente para o mar, mas não ia na praia. Demorou um tempo para eu aceitar que eu merecia desfrutar daquele lugar. Aos poucos fui conhecendo alguns colegas. Mesmo assim passei um processo de depressão nos primeiros seis meses. [...] Imagina que eu era de um lugar muito pequeno, e agora estudando em um bom colégio particular em Salvador, me sentia fora da caixa diante de pessoas de outros níveis sociais. Os anos foram passando, sempre em mente com o esforço de minha família para que eu tivesse direito e usufrísse de tudo que me proporcionavam. Aos 17 anos o pequeno apartamento agora abrigava meus dois irmãos que também vieram para estudar. Ali eu tinha minha rotina de cuidar do apartamento e estudar horas a fio juntamente com mais três colegas para passar no vestibular.[...]*

*Quando vi meu nome na lista dos aprovados no vestibular custei a acreditar. Naquele momento veio a minha história.. Fiquei em silêncio por alguns momentos, chorei, foi um choro contido, mas profundo. Estava muito feliz! Entrei de corpo e alma no curso. Me tornei uma das melhores alunas e não demorou muito tempo para ser convidada para estagiar em uma grade empresa em Salvador. Logo no primeiro ano atuei como estagiária na Rede Ferroviária Federal. Tinha um excelente departamento de RH, fiquei um ano, depois entrei em outra grande empresa, a Alcan do Brasil que naquela época já tinha processos avançados e tecnologia de ponta no setor de recursos humanos.[...] Foi uma grande experiência, pois o setor tinha uma importância muito grande no processo de seleção. Lá permaneci dois anos e tinha acessos as ferramentas mais atualizadas no segmento de RH.. O período foi no final da década de 1980. Os sindicatos se fortaleciam e enfrentei também grandes greves, com situações onde as pessoas não podiam sair de seu local de trabalho. Esse período eu ainda estava em formação, mas foi de grande contribuição principalmente com as relações vividas com a equipe de trabalho e a minha gerente de RH com um forte apelo ético e profissionalismo. Essa conduta gerava um respeito muito grande por parte de todos. Essa segurança adquirida no ambiente de trabalho foi de grande valia na minha vida acadêmica.[...] Na sala de aula, apesar de sentar-se sempre na frente, matinha um ótimo relacionamento com todos. Os estágios foram fundamentais para o desempenho do curso e eu optei em partir para uma área na época pouco desejada, a área organizacional. Eu já percebia que seria muito difícil atuar clinicamente pois não teria condições financeiras. [...] Quando de minha formatura eu já me considerava uma boa profissional com praticamente quatro anos de atuação. Meu curso durou seis anos por conta de greves. Aos 24 anos eu estava enfim formada. [...] Término do curso recebi um convite para atuar em uma fábrica chamada Carraigá Metais com 4.000 funcionários. Naquele momento foi convidada inicialmente para assumir as férias da gestora de RH, entretanto logo em seguida assumi o departamento. Naquele época o gestor de RH ainda tinha suas atribuições dentro do ambiente tático da empresa. Entretanto por se tratar de uma metalúrgica era um momento de muito combate político com o sindicato e a empresa. Isso inicialmente me assustava, e me afastava de certa forma de desejar atuar no âmbito mais estratégico. Esse ambiente de incertezas fez-me mudar para o setor de varejo.*

#### **[ER-6] Da indústria para o varejo**

*[...] A primeira experiência no varejo foi em uma confecção de roupas que tinha em torno de 700 funcionários. O ambiente de trabalho tinha outra pegada e a empresa não apresentava a mesma organização, processos e a infraestrutura das empresas anteriores. A experiência durou pouco, pois depois de alguns meses entrou em processo de falência. Naquele oportunidade o país enfrentava uma grande crise econômica e com a minha demissão resolvi viajar para São Paulo. Cá chegando, em busca de oportunidades encontrei uma vaga no setor de franchising. Era um mundo novo, pouco profissionalizado e vi ali uma chance promissora profissionalmente. Tudo isso no início da década de 1990, mais precisamente no ano de 1993. Eu tinha o sonho de aplicar todos os processos que aprendi nessa rede de franquias, mas encontrava muitas barreiras. A realidade do varejo era bem diferente da vivida na indústria. Nessa primeira experiência em São Paulo fiquei três anos. Recebi uma proposta para atuar na rede Pão de Açúcar. [...] Esse período fértil no crescimento do setor de franquias no Brasil começa a surgir inúmeras oportunidades. Esse momento me consolida como empreendedora no ramo de formatação e consultoria empresarial principalmente em redes de varejo em várias regiões do Brasil. [...] Essa experiência nos primeiros anos já como prestadora de serviços me conduz a implantar um escritório em São Paulo e depois Campinas.*

#### **[ER-7] A década a partir de 2010 e um novo cenário**

*A crise verificada nesta década também nos atingiu e tive que me reinventar para enfrentar esse momento. Destaco outro fator decisivo dessa década, as mudanças por conta da tecnologia estão sendo avassaladoras. Principalmente a questão da (produção). Os aparecimentos de novos softwares e novas soluções que estão substituindo nossa força de trabalho com base no conhecimento. Outra questão muito importante que tive que aderir, quem atua com serviços tem que também fazer parte de novos grupos sociais redes,, instituições ou marketplaces. Antes bastava para a formatação de uma franquia desenvolver um bom planejamento com todos os seus processos. Agora, principalmente o franqueado precisa desenvolver outras aptidões. Precisa estar conectado ao mercado ao ambiente externo do negócio. Hoje faço parte de uma plataforma de serviços que praticamente coloca disponível meu conhecimento para todo o Brasil. Aliás, tive que buscar e reaprender esse novo conceito de atuação por plataformas ou de forma remota. Isso não exclui a importância de minha presença física em vários momentos do processo. Essa atuação permitiu também excluir alguns parceiros otimizar custos e voltar a competir no mercado. Entretanto ocorreu*

*uma enxurrada de novas empresas que se comprometem a fazer o que eu faço com pacotes e valores que não tenho a menor condição de acompanhar. Nos últimos dois anos venho atuando também para uma grande instituição reconhecida nacionalmente no fomento e capacitação de empresas de pequeno porte para empreendedores no estágio de expansão. [...] Atendo clientes principalmente no norte do Brasil e pude constatar como o momento econômico de cada região tem suas peculiaridades e oportunidades diferentes. [...] Outro fato interessante vivido no momento é o aumento considerável de empreendedoras femininas principalmente com o contexto de novas franquias com investimento abaixo de cem mil reais. [...] a tecnologia a meu ver tem mudado muito o perfil da empreendedora mulher que investe em negócios com características de redes conectadas como é o caso do turismo.[...] Finalizo afirmando que me sinto nos últimos tempos como se tivesse começando todos dias. Tudo é muito rápido, minha rotina profissional mudou muito. Antes estava em uma posição mais estratégica, hoje tenho que acompanhar de forma remota ou física praticamente todos processos. O setor de franchising amadureceu, uma nova lei acaba de entrar em vigor com mais detalhes e responsabilidades de ambas as partes (franqueador/franqueado). [...] Mas de tudo que aprendi nesse percurso tenho convicção que a figura de meus pais e minha família, minha infância, meus primeiros passos forjaram a base para enfrentar esse turbilhão de mudanças, erros e acertos, glórias e decepções! [...] Vamos em frente e obrigado pela oportunidade!*

#### 4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Após as gravações, transcrições de todo o conteúdo obtido na narrativa da história de vida da Sra. Isa Silveira foram feitas e elencados os principais recortes alinhados com a temática do estudo em analisar o ambiente relacional da empreendedora e a correlação com os pressupostos teóricos do estudo. Esta análise foi praticamente pontuada em dois grandes momentos assim classificados: i) da infância à adolescência com forte apelo na socialização primária e das instituições e ii) fase madura até os dias de hoje como empresária com a influência da socialização secundária na abordagem na Teoria de Campos de Pierre Bourdieu. No Quadro 1 apresenta uma síntese de como essa análise foi classificada de acordo com os recortes das entrevistas.

Quadro 1 - Análise e correlação - Classificação

ENTREVISTA RECORTE Nº	RECORTE – TÍTULO	CORRELAÇÃO TEÓRICA
ER-1	Minha origem, família, infância trabalho e estudos	Socialização primário e secundária. Forte influência das instituições.
ER-2	A criança sempre muito responsável	
ER-3	A adolescência	
ER-4	Enfim no colégio particular na capital	Teoria de Campos de Bourdieu. Capital social, cultural, simbólico.
ER-5	A socialização na cidade grande	
ER-6	Da indústria para o varejo	
ER-7	A década a partir de 2010 e um novo cenário	

Fonte: Autores (2020).

Nas primeiras narrativas que envolvem os recortes [ER-1, ER-2, ER-3], o depoimento do ciclo de vida classificado como infância, constata-se o alto grau de envolvimento humano desde os primeiros anos de vida com a instituição “família”. A família é entendida aqui como a instituição social básica. A entrevistada enaltece com frequência fatores tais como: valores, crenças, hábitos, costumes, padrões de comportamento adquiridos na célula familiar que se segue ao longo do discurso como pilares fundamentais e decisivos para vencer os obstáculos em sua trajetória de vida. Ora a imagem da mãe, ora a imagem do pai aparece com muita frequência nos depoimentos, enaltecendo pressupostos tais como: disciplina, resiliência, moral, responsabilidade, liderança e afeto. Há um equilíbrio na citação na entrevista dos termos “mãe e pai” que aparecem ambos citados

especificamente em torno de trinta vezes. De forma particular a imagem da mãe aparece com muita força como principal agente transformador na socialização primária.. De um lado uma mãe forte e pragmática do outro um pai que busca de um grande sonho de empreender. Acrescenta-se a essa atmosfera a fase precoce em que a entrevistada aos oito anos de idade já é chamada a responsabilidade de cuidar do irmão. Esses valores familiares são fortemente consolidados à medida que um turbilhão de envolvimento é integrado as experiências conjuntas gerando um forte comportamento cultural com base familiar. Ela começa a entender esse mundo assimilando esse conhecimento e aprende a se posicionar e entender o seu papel. Esse cenário apresenta uma correlação forte com a teoria clássica de Durkheim e Weber sobre a influência que as instituições formais e não formais exercem sobre o sujeito bem como as primeiras motivações na ação ativa do sujeito em mudar esse status no cenário social vivido.

Nos recortes nomeados de [ER-4, ER-5, ER-6, ER-7] A teoria de Campos de Pierre Bourdieu aliadas com as contribuições de Durkheim e Weber ficam evidentes a partir das práticas individuais do sujeito da pesquisa com a nova jornada vivida em um novo cenário social agora na cidade de Salvador. Nota-se na subjetividade de sua narrativa a relação de desafios entre o seu mundo subjetivo e um novo mundo objetivo “campo social” que logo dá início a uma relação dialética. Essa relação promove a entrevistada a um novo processo de socialização interagindo e aceitando as regras desse novo campo. Essa relação promove ao sujeito novas práticas sociais dentro desse campo, ou seja as condições subjetivas da entrevistada diante das novas condições objetivas. O capital cultural por exemplo quando expõe no depoimento a preocupação nos primeiros dias de faculdade em mostrar conhecimento. O capital simbólico quando afirma que a obesidade repentina retraiu suas relações sociais. Nesse novo recorte social passa a almejar novos troféus relacionados com o campo social.

O momento do primeiro emprego pós faculdade até se tornar empresária a narrativa segue uma série de mudanças ambientais e geográficas ancoradas na teoria de campos de Bourdieu. A entrevistada se vê diante de várias tomadas de decisão diante do cenário vivido, principalmente no âmbito profissional motivadas por fatores externos como exemplo a empresa em que trabalhava que faliu diante da grande crise econômica dos anos 1980. A mudança do setor da indústria para o varejo, novo choque cultural sob sua ótica organizacional.

Ao se tornar empresária adentra a um novo campo com a sua típica estrutura de poder e a suas desigualdades de distribuição de capital social (capital cultural, simbólico, político, econômico). Durante o percurso como empreendedora destaca-se a última década diante na narrativa de grandes desafios principalmente no ambiente relacional. Com o avanço da tecnologia bem como novos hábitos tem que seguir um processo contínuo de mudanças e readaptações e forma de se relacionar com seu mercado. Essa nova estrutura de relações sociais impõe novos desafios pois envolve ir além das práticas organizacionais consagradas com vistas a sobrevivência empreendedora. O recorte [ER-7] da entrevista destaca-se pelo depoimento de trechos que ressaltam a importância de se buscar além das melhores práticas, competências e conhecimento organizacional outros fatores relacionados ao ambiente relacional do negócio, que segundo a narrativa são também decisivos como fator competitivo.

## **5. CONCLUSÃO**

Esta pesquisa apresentou a história de vida de uma empreendedora no ramo de franquias tendo com o objetivo de analisar, diante de sua narrativa, as evidências e importância do ambiente relacional sobre aspectos sociológicos. Os resultados apresentaram uma correlação nas inúmeras decisões de adaptação do sujeito da pesquisa ao longo da carreira, motivadas muitas vezes pelo ambiente relacional com forte apelo na Teoria de Campos sustentada por Bourdieu. Essas características demonstram que o ambiente relacional pode ser analisado como um atributo no empreendedorismo o que deve sugerir novas abordagens diante do impacto dessas forças. O capital

simbólico e a violência simbólica propostas por Bourdieu também ancoram a situação pontual da mulher empreendedora que tem que enfrentar forças sociais, culturais dentro de campos muitas vezes de profundas desigualdades (homem/mulher) globais.

As relações sociais vivenciadas revelam que o agente social (pesquisada esteve sempre diante de processos de escolhas em presença de esquemas generativos), ou seja, estes sempre determinavam o processo de escolha. Na história de vida narrada fica claro que a entrevistada sempre esteve perante alternativas que o campo lhe propôs. Sua tomada de decisão foi vocacionada através de um leque objetivo de oportunidades em seu campo social, dotada de uma estética baseada no rito e hábitos aceitos dentro de seu campo. Sob a ótica empreendedora essa tomada de decisão é cada vez mais desafiadora no ambiente relacional (relações sociais, econômicas e de produção).

O cenário atual propõe um clima relacional que revela relações frágeis e fugazes exigindo uma flexibilidade maior por parte da empreendedora na tomada de decisão. Não é uma questão de relação apenas casual ou racional, trata-se de uma nova proposta no campo do empreendedorismo que revela a importância do ambiente relacional sob a ótica ancorada na Teoria de Campos de Pierre Bourdieu na construção social do indivíduo. O estudo apesar de suas limitações diante de apenas uma história de vida demonstrou de forma clara suas evidências do construto empírico e sua correlação com o recorte sociológico. Permitiu também perceber que existem características predominantes sobre fatores que impactam no ambiente relacional. Deve gerar e ampliar novas investigações, contribuir e suscitar novas análises diante da importância do tema tanto no seio do empreendedorismo feminino como em outras áreas.

## REFERÊNCIAS

- AIDIS, R., Welter, F., Smallbone, D. e Isakova, N. . Empreendedorismo feminino em economias em transição: o caso da Lituânia e da Ucrânia. *Feminist Economics* , 13 (2), 157-183. 2007.
- ALVES, de Alencar; Raiane; DA LUZ, Marcos Vidal; DA SILVA, Alandey Severo Leite. EMPREENDEDORISMO 4.0: CONCEITOS E DEFINIÇÕES ENTREPRENEURSHIP 4.0: CONCEPTS AND DEFINITIONS. 2019.
- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. *Núcleo de Pesquisa da FINAN*, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.
- BERGER, Peter Ludwig, and Thomas Luckmann. "A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento." Petrópolis: vozes, 2007.
- BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 51, n. 1, p. 01-08, 2017.
- BOURDIEU, P. Para uma Sociologia da Ciência. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos CEBRAP*, n. 96, p. 105-115, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Papirus Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Usos sociais da ciência. Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. O sociólogo e o historiador. Autêntica Editora, 2020.
- BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Fundamentos de una teoría de la violencia simbólica. La reproducción. Elementos para una teoría del sistema de enseñanza, p. 13-85, 2001.
- BYGRAVE, William D .; HOFER, Charles W. Teorizando sobre empreendedorismo. *Teoria e Prática do Empreendedorismo* , v. 16, n. 2, p. 13-22, 1992.
- CALDERONE, Mónica. Sobre violencia simbólica en Pierre Bourdieu. 2004.

CAMPOS, Nédson Antônio; DUARTE, Francisco José da Castro Moura. A dimensão social da atividade empreendedora. *Cadernos de Psicologia social do trabalho*, v. 16, p. 13-23, 2013.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; CAMILLO AGUIAR, Ana Rosa; RODRIGUES DINIZ, Ana Paula. Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. *Cadernos Ebape. br*, v. 11, n. 1, 2013.

CASSAR, G. Entrepreneur opportunity costs and intended venture growth. *Journal of Business Venturing*, 21(5), 610-632. 2006.

COHN, Gabriel. Weber: sociologia. São Paulo: Ática, Col. Grandes, 1989.

COSTA, Flaviano; MARTINS, Gilberto de Andrade. UM OLHAR BOURDIEUSIANO SOBRE AS ESTRUTURAS SOCIAIS DO CAMPO CIENTÍFICO CONTÁBIL BRASILEIRO. *Revista Universo Contábil*, [S.l.], p. 08-32, mar. 2018

CRUZ, Ana Julia Machado da et al. História de vida de mulheres que empreendem na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. 2019.

DE ALMEIDA GUERRA, Rodrigo Marques et al. EFEITO DA ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA SOBRE A PERFORMANCE ORGANIZACIONAL. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 2, 2020.

DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, 2014.

DE SOUZA, Rafael Benedito. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. *Ars Historica*, n. 7, p. 139-151, 2014.

DEL VAL ROMÁN, José Luis. Industria 4.0: la transformación digital de la industria. In: *Proceedings of the Conferencia de Directores y Decanos de Ingeniería Informática*, Informes CODDII, Valencia, Spain. 2016. p. 10.

DOLABELA, Fernando. O Segredo de Luísa. 30ª ed. São Paulo: Cultura, 2006.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo. Elsevier Brasil, 2008.

DURKHEIM, E. A educação como processo socializador: função homoneizadora e função diferenciadora. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. 2009.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social. *As regras do método sociológico*, v. 6, 1978.

DURKHEIM, Emile. Educação e sociologia. Leya, 2019.

DUTRA, Joel Souza. Gestão de Pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Atlas, 2002.

Fabício, J. S., & Machado, H. V. (2012). Dificuldades para criação de negócios: um estudo com mulheres empreendedoras no setor do vestuário. *Revista Gestão e Planejamento*, 12(3):515-529.

FERNÁNDEZ, José Manuel Fernández. A noção de violência simbólica na obra de Pierre Bourdieu: uma abordagem crítica. *Cadernos de trabalho social*, v. 18, p. 7-31, 2005

FERNÁNDEZ, José Manuel. Capital simbólico, dominación y legitimidad. Las raíces weberianas de la sociología de Pierre Bourdieu. *Papers: revista de sociologia*, v. 98, n. 1, p. 0033-60, 2013.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de administração*, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FREITAS, Maria Ester de. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejam nomades?. *Organizações & Sociedade*, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

GARTNER, William B. Sobre o que estamos falando quando falamos sobre empreendedorismo ?. *Journal of Business venturing*, v. 5, n. 1, p. 15-28, 1990.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P.; ARAÚJO, U. P.; MARTINS, C. M. F. Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 16, n. 51, p. 319-342, 2014

GONZÁLEZ, Silvia Alexandra Peña; GONZÁLEZ, Maria Alicia Peña; QUEZADA, Viviana Lucía Farfán. Dimensões da ação empreendedora: abordagens teóricas para análise do projeto empreendedor/Dimensions of the entrepreneurial action: theoretical approaches for the analysis of an entrepreneurial project. *Brazilian Journal of Business*, v. 2, n. 2, p. 839-853, 2020.

GUTIERRES, Kellen. *Sociologia: matrizes clássicas–fundamentos básicos de análise*. Editora Senac São Paulo, 2020.

HISRICH, R., PETERS, M.& SHEPHERD, D. (2005). *Entrepreneurship*. Sexta edição, McGraw Hill, Madrid.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, TMR da. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 77-84, 2007.

JUNIOR, Liraucio Girardi. *Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação*. Annablume, 2007.

KALBERG, Stephen. *Max Weber: uma introdução*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

LEWIS, Patricia. A busca da invisibilidade: mulheres empreendedoras e a norma masculina do empreendedorismo. *Gênero, Trabalho e Organização*, v. 13, n. 5, p. 453-469, 2006.

LUBINA, Aline et al. Competências empreendedoras de mulheres: Estudo de caso em treinamento de empreendedorismo como extensão universitária. *Revista Conexão UEPG*, n. 16, p. 1-14, 2020

MACHADO, Hilka Pelizza Vier; GAZOLA, Sebastião; ANEZ, Miguel Eduardo Moreno. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal, Rio Grande do Norte. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 14, n. 5, p. 177-200, 2013

MACHADO, Hilka Vier et al. O processo de criação de empresas por mulheres. *RAE eletrônica*, v. 2, n. 2, p. 0-0, 2003.

MANZO, Enrique Guerra. Las teorías sociológicas de Pierre Bourdieu y Norbert Elias: los conceptos de campo social y habitus. *Estudios sociológicos*, p. 383-409, 2010.

MINNITI, Maria; NAUDÉ, Wim. O que sabemos sobre os padrões e determinantes do empreendedorismo feminino em todos os países? *O Jornal Europeu de Pesquisa para o Desenvolvimento*. Volume 22, edição 3, pp 277–293. 2010.

MORAES, Lúcio Flávio Renault de; MAESTRO FILHO, Antônio Del; DIAS, Devanir Vieira. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. *Revista de Administração contemporânea*, v. 7, n. 2, p. 57-71, 2003.

NASSIF, Vânia Maria Jorge; ANDREASSI, Tales; SIMÕES, Fabíola. Competências empreendedoras: há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores?. *RAI Revista de Administração e Inovação*, v. 8, n. 3, p. 33-54, 2011.

NASSIF, Vânia Maria Jorge; ARMANDO, Eduardo; LA FALCE, Jefferson Lopes. O Empreendedorismo e a Pequena Empresa no Contexto do Pós Covid-19: Há luz no Fim do Túnel. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 9, n. 3, 2020.

OLIVEIRA, Carla Montefusco de. *Método e sociologia em Weber: alguns conceitos fundamentais*. 2008.

OLIVEIRA, Rejane Santos; SANTOS, Felipe Alan Souza. AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE DURKHEIM, GRAMSCI E DEWEY PARA EDUCAÇÃO MODERNA. *Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional*, v. 9, n. 1, 2016.

ROBBINS, Derek. *O trabalho de Pierre Bourdieu: reconhecendo a sociedade*. Routledge, 2020



ROTEFOSS, B. & Kolvereid, L. Aspiring, nascent and fledgling entrepreneurs: an investigation of the businessstart-up process. *Entrepreneurship and Regional Development*, 17 (2), 109-127. 2005.

SCHANE, Rita; FURTADO, Andrea Garcia; GAGNO, Roberta Ravaglio. ALGUNS CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU NO CAMPO EDUCACIONAL. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 6, n. 6, p. 62-69, 2020.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCHUMPETER, J. Teoria do desenvolvimento. Rio de Janeiro. Cultura. 1961.

SERRANI, Silvana. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 10, n. 2, p. 270-287, 2008.

SILVA, Aline Pacheco et al. " Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, v. 1, n. 1, 2007.

SILVEIRA, Isa. História de Vida. [Entrevistas concedidas a] Givaldo Guilherme dos Santos. Campinas, arquivo mp3, a partir de 08.10.2018. Campinas. 2019.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Estudos feministas*, p. 7-29, 1997.

SOUZA, Eda Castro Lucas; JÚNIOR, Gumersindo Sueiro Lopez. Empreendedorismo e desenvolvimento: uma relação em aberto. *RAI Revista de Administração e Inovação*, v. 8, n. 3, p. 120-140, 2011.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; ANDREASSI, Tales; BOMFIM, Lea Cristina Silva. Uso das redes sociais empreendedoras por mulheres no processo de criação de agências de viagens. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 12, n. 1, p. 102-132, 2018.

THORNTON, Patricia H. A sociologia do empreendedorismo. *Revisão anual da sociologia*, v. 25, n. 1, p. 19-46, 1999.

VIEIRA, Elaine Cristina. Socialização, opção profissional e representação na Educação Física. *Revista Motriz*. Rio, 1997.

VILA NOVA, Sebastião. *Introdução à Sociologia*. 6ª edição. São Paulo–SP. Editora Atlas, 2010.

WEBER; Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa: Editora Universidade de Brasília, 1991.v.